



**TEATRO  
NACIONAL  
S. JOAO**

**TUTTO BRUCIA**

# “Um canto de dor universal”

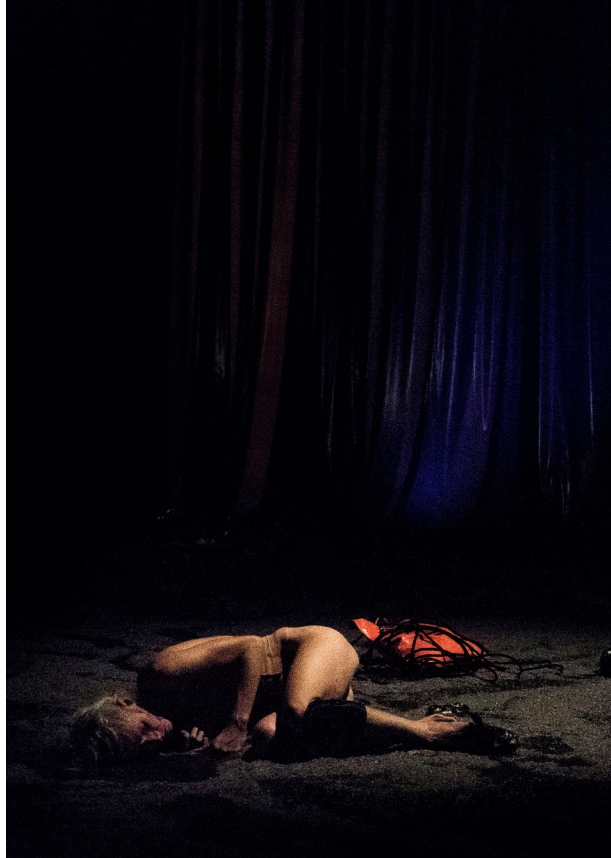
Entrevista com DANIELA NICOLÒ e ENRICO CASAGRANDE.\*

## Como é a vossa relação com os clássicos e como os fazem dialogar com o presente?

No passado, confrontámos outros clássicos, sempre mediados pela contemporaneidade, mas não ancorados no aqui e agora. A nossa prática enquanto encenadores não é tradicional nem atualizante. A tragédia grega para nós é um organismo vivo, gostamos das suas palavras abstratas, evocativas, eternas, “flutuando” sobre o presente. Agrada-nos a sua tessitura arcaica que se tinge de contemporaneidade. Assim nasceu há muitos anos a atração por Cassandra. O nosso primeiro estudo de personagem foi baseado em *Cassandra*, de Christa Wolf, onde a Alemanha dividida pelo Muro se espelha na antiga Micenas. Virámos depois a nossa atenção para outros “clássicos”, não necessariamente trágicos, como *Orlando Furioso*, o mito de Orfeu na versão de Cocteau, e para *Antígona*, claro.

## Falemos então de *Syrma Antigónes* (2010), um ambicioso trabalho em torno de *Antígona*, da qual trabalharam a “serialização” e o elemento competitivo: cada episódio intitulava-se “(Antígona) concurso” e tinha um número sequencial. Como foi o confronto, vosso e do público, com essa tragédia? Que relação tem esse espetáculo com *Tutto Brucia*?

*Syrma Antigónes*, como *Tutto Brucia*, resultou de um percurso feito por etapas durante muitos anos, iniciado no biénio 2007-08 e marcado pela crise económica na Grécia e pelo que se seguiu: greves e contestações, confrontos em praças, manifestações estudantis e até a trágica morte de um rapaz, Alexis. Em *Syrma Antigónes*, a Grécia antiga confrontava-se com a moderna, mantinha-se um constante contacto com a realidade, mas estabelecia-se uma conexão entre a cena e o vídeo, o documentário e a performance. Este projeto, pelo contrário, mantém separados os dois componentes. Baseia-se em documentação profusa, mas não tem vídeo em palco. Não se estrutura em episódios, é um espetáculo único. Face ao precedente, tem uma respiração mais ampla, um ritmo menos denso, não há luzes ofuscantes e contrastes nítidos, mas uma grande obscuridade. A diferença entre os dois não reside na ideia de “concurso”. *Tutto Brucia* não se edifica sobre conflitos binários, entre pares de personagens, categorias ou conceitos antitéticos, como a oposição entre Antígona e Creonte, jovens e velhos, mulher e homem. Não nasce de um acontecimento específico, como o assassinio de Alexis, mas das histórias de tantos migrantes que *ardem* no Mediterrâneo ao atravessá-lo, arriscando a vida e, com frequência, perdendo-a; por isso, inserimos no espetáculo alguns dos seus nomes, verdadeiros ou fictícios. Todos os relatos e imagens desses migrantes, mulheres, mães e crianças, foram condensados e destilados numa espécie de visão: uma nesga de terra, uma praia, um pedaço de costa. Poderia ser na Líbia ou no Médio Oriente, a origem tanto das



mulheres de Troia como de muitas migrantes de hoje. Ainda escravas, sujeitas a maus-tratos e a uma violência indizível, esperam pela partida. Para onde vão? O que as espera? Sob este fio condutor, enxertaram-se ideias, sugestões, leituras passadas e presentes (sobretudo Judith Butler, com *Vida Precária: Os Poderes do Luto e da Violência*, mas também Ernesto di Martino, com *Morte e pianto rituale: Dal lamento funebre antico al pianto di Maria*), o princípio da democracia ateniense, o exemplo de vida de Gino Strada [cirurgião, ativista e fundador da Emergency, entidade prestadora de cuidados médicos a vítimas de guerra]. Neste percurso, foi sobretudo o presente que se insinuou, com os seus acontecimentos traumáticos, da pandemia à crise sanitária e económica, à situação atual no Afeganistão.

## Essa é uma forma crucial de reescrita do trágico: como trouxeram a realidade para a cena? Não contamos com fotografia ou vídeo, nem referências diretas à atualidade, mas ecos indiretos, mediados, que o público será livre de colher e interpretar: é assim?

Sim, não quisemos “atualizar” o texto nem dar mensagens diretas e unívocas, ou “instruções de uso”. Fazemo-lo também em sinal de respeito e consideração pelo público que, em qualquer caso, é o nosso *parceiro*, tem um papel importante nos nossos espetáculos: deixamos ao espectador um espaço aberto para se interrogar, pensar, dar um contributo pessoal. Em *Tutto Brucia*, é inevitável que os acontecimentos recentes nele reverberem (da pandemia à guerra em curso no Afeganistão), mas tudo está já nas *Troianas* eurípidianas, na ideia-chave de que nós partimos e que, com o passar dos meses, se revelou quase profética: em síntese, é um conceito de pós-acontecimento, do “depois de”, do *day after*. A chave do espetáculo



é a de que tudo aconteceu já: se, em *Syrma Antigónes*, Antígona sepultava o cadáver do irmão, aqui as mulheres choram pelos seus mortos, pela cidade, pela humanidade inteira. Os fantasmas do passado habitam um presente sombrio, indistinto, opaco. O pano de fundo que fecha a cena não é pintado, não representa nada, não serve para a projeção vídeo, é avesso a qualquer contextualização. Indefinido é também o material que cobre o palco, um amontoado de matéria “escura”, cinza preta, despojos, escombros. Este é o campo visual e cénico em torno do qual construímos o espetáculo, sem no início implicar muitas pessoas. O cenógrafo \_vxxii criou os detritos e os materiais plásticos, esculpiu objetos cénicos, as máscaras, as próteses humanas e animais. A dramaturgista Ilenia Caleo e Francesca Morello [R.Y.F., performer, cantora e autora das músicas] trabalharam em conjunto os textos de Eurípides, de Sartre e de outros. Francesca traduziu-os para inglês, compôs as canções e interpreta-as em cena: o seu é um canto de dor universal, que nasce dos blues, fala de escravidão e de vexame em qualquer tempo e lugar do mundo. Stefania Tansini, coreógrafa e atriz, não só é intérprete como participou no processo criativo, no desenho de movimentos cénicos e coreográficos e de uma linguagem inventada,

composta de palavras sem sentido aparente, mas muito evocativas, expressivas e dramáticas.

**Sendo assim, é como se o delírio de Cassandra no *Agamémnon* de Ésquilo não dissesse respeito só a ela, mas também às suas “irmãs” troianas, como Políxena, vítima sacrificial, tal como Ifigénia. De que forma trabalharam o coro e estas personagens, veículos da tragédia?**

Ao contrário de *Syrma Antigónes*, quisemos dar o máximo relevo ao coro e nas audições iniciais procurámos até mais atrizes, mas o percurso seguido levou-nos a uma síntese extrema: em cena restam só três, Stefania Tansini, Francesca Morello/R.Y.F. e Sílvia Calderoni, que interpretou uma jovem Antígona há mais de dez anos nesse outro espetáculo. Aqui, tem um papel mais estático e maduro, marcando uma nova etapa no seu percurso de atriz. A rainha Hécuba, em Eurípides, é eixo e fulcro, ponto de equilíbrio da peça, até fisicamente. É figurada como um corpo informe, uma massa indistinta de membros. Por isso, a atriz ancora-se à terra, nunca perde o contacto, tem o centro de gravidade baixo, permanece quase sempre estendida ou reclinada, dobrada sobre si mesma, numa postura ferina, bestial, animaléscia.

**Para quem não leu Eurípides é quase um spoiler: anteciparam em cena a futura metamorfose de Hécuba em cadela, que não está nas *Troianas*, mas na sequência deste mito?**

Sim, as metamorfoses animais referentes às personagens e à paisagem são fascinantes e queremos aprofundá-las no futuro, prosseguindo o trabalho com uma outra tragédia de Eurípides, *Hécuba*.

\* Por **Martina Treu**. In versão *online* da revista *Stratagemmi – Prospettive Teatrali*, 7 setembro, 2021. (Para dar conta do carácter indiviso da companhia Motus, a autora da entrevista preferiu elidir a atribuição das respostas.)

Trad. **Fátima Castro Silva**.

#### FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA INÉS SOUSA, MÓNICA ROCHA | DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA | ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA | DIREÇÃO DE CENA PEDRO GUIMARÃES, ANDREA GRAF | LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, MARCELO RIBEIRO, NUNO GONÇALVES | MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA | SOM JOEL AZEVEDO (COORDENAÇÃO), LEANDRO LEITÃO | TRADIÇÃO PARA LEGENDAGEM RUI PIRES CABRAL | OPERAÇÃO DE LEGENDAGEM CONSTANÇA CARVALHO HOMEM

#### APOIOS TNSJ

Castanheira x pedras&péssegos

#### APOIOS À DIVULGAÇÃO

COMBOIOS DE PORTUGAL



#### AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

#### EDIÇÃO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

FOTOGRAFIA CLAUDIA PAJEWSKI (CAPA),  
CLAUDIA BORGIA  
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO  
IMPRESSÃO GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

TEATRO SÃO JOÃO  
6+7 OUTUBRO 2022  
QUI 19:00 SEX 21:00

# TUTTO BRUCIA

CONCEITO E DIREÇÃO DANIELA NICOLÒ, ENRICO CASAGRANDE

COM  
SILVIA CALDERONI, STEFANIA  
TANSINI E R.Y.F. (FRANCESCA  
MORELLO, MÚSICAS E  
INTERPRETAÇÃO AO VIVO)

LETRAS  
ILENIA CALEO, R.Y.F.  
(FRANCESCA MORELLO)

PESQUISA DRAMATÚRGICA  
ILENIA CALEO

EDIÇÃO DE TEXTO E  
LEGENDAGEM  
DANIELA NICOLÒ

TRADUÇÕES  
MARTA LOVATO

DESENHO DE LUZ  
SIMONA GALLO

DIREÇÃO TÉCNICA  
E OPERAÇÃO DE LUZ  
SIMONA GALLO  
COM THEO LONGUEMARE

PAISAGENS SONORAS  
DEMETRIO CECCHITELLI

DESENHO DE SOM (AO VIVO)  
ENRICO CASAGRANDE

OPERAÇÃO DE SOM  
MARTINA CIAVATTA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
FRANCESCO ZANUCCOLI

ADEREÇOS E ESCULTURAS  
\_VVXXII

VÍDEO E GRAFISMO  
VLADIMIR BERTOZZI

PRODUÇÃO EXECUTIVA  
FRANCESCA RAIMONDI

CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL  
LISA GILARDINO

COPRODUÇÃO  
MOTUS, TEATRO DI ROMA – TEATRO  
NAZIONALE (ITÁLIA), KUNSTENCENTRUM  
VIERNULVIER (BÉLGICA)

APOIO À RESIDÊNCIA  
L'ARBORETO – TEATRO DIMORA,  
LA CORTE OSPITALE – CENTRO  
DI RESIDENZA EMILIA-ROMAGNA,  
SANTARCANGELO DEI TEATRI

EM COLABORAÇÃO COM  
AMAT, COMUNE DI FABRIANO

COM O APOIO DE  
MIC, REGIONE EMILIA-ROMAGNA

AGRADECIMENTOS  
HÈI BLACK FASHION, GRUPPO IVAS

ESTREIA  
9 SET 2021  
TEATRO DI ROMA (ITÁLIA)

DUR. APROX.  
1:15  
M/18 ANOS

ESPECTÁCULO EM LÍNGUA ITALIANA,  
LEGENDADO EM PORTUGUÊS.

OTNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

